

Uma revisão crítica das teorias do Sistema-Mundo à luz da crise estrutural do capitalismo no século XXI - Daniel Feldmann(Professor de Ciências Econômicas da UNIFESP)

Resumo: Pretende-se um debate crítico com as teorias do Sistema-Mundo através da análise de seus pressupostos teóricos e também da forma como seus principais autores pensam as transformações recentes do capitalismo e das relações internacionais. Nossa hipótese é de que ao não incorporarem a contento o fato de que a dinâmica do Sistema-Mundo está estruturada pela lógica do capital como relação social os leva à certas conclusões equivocadas. Em especial, eles não conseguem incorporar devidamente nas suas teorias as consequências da crise estrutural contemporânea do capitalismo.

1) Sistema-Mundo e a lógica de imposição do capital

As teorias do Sistema-Mundo postulam uma leitura eminentemente histórica do capitalismo que busque articular num mesmo quadro as esferas econômica e política, bem como as hierarquias entre classes e nações. Na opinião de seus autores, apenas tal visão garantiria o vislumbre de uma totalidade condizente com a dinâmica e as transformações capitalistas. Todavia, se de um lado a apreensão das relações internacionais na forma de um Sistema-Mundo tem o mérito de desvelar um conjunto de questões relevantes, o que falta por outro lado a estas teorias é um enfoque adequado sobre as próprias condições de existência histórica de tal Sistema. Como sugeriremos ao longo desse artigo, tais limitações implicarão por vezes em formulações que flertam com uma concepção um tanto arbitrária e funcionalista. Em certos casos, aquilo que deveria ser explicado – o Sistema - tende a tornar-se a explicação última de si próprio. E ao se postular a estruturação da lógica sistêmica internacional como um fim em si, há, portanto, uma tendência à reificação do Sistema-Mundo.

Uma possível superação de tais dificuldades não implica em descartar *in totum* as contribuições destes autores e menos ainda o conceito de Sistema-Mundo, mas sim de vislumbrá-los de um ângulo distinto. E nesta concepção por nós sugerida todo o período histórico que valida a noção de um Sistema-Mundo é marcado pelo longo processo da lógica de imposição do capital. Ou seja, o prisma aqui escolhido consistirá em pensar como a difusão do processo de incessante “valorização do valor” que caracteriza o capital como relação social estrutura no horizonte histórico as relações internacionais subjacentes ao Sistema. Assim, é o capital que, ao se estabelecer de forma global como fim em si fetichista e muitas vezes para além das intenções planejadas dos diferentes atores e Estados Nacionais, há de estruturar a dinâmica e os elos internos do Sistema-Mundo Moderno.

Destarte, num sentido mais amplo e abstrato, o Sistema-Mundo tratar-se-á do arranjo institucional internacional através do qual o imperativo da acumulação de capital se espalha por todo o mundo. A própria universalidade do Sistema será portanto tributária da lógica do capital como “sujeito automático” que estabelece através de sua dominação generalizada uma lógica expansiva

irrefreável que transcende barreiras e tende a integrar todo o globo. É por esta via que há de se estruturar uma dada totalidade com contornos determinados a qual é lícito qualificarmos de sistêmica. Assim, o evoluir do Sistema-Mundo tem como suporte de um processo de longo prazo em que o que está em curso é a mercantilização da vida social e a transformação total da produção e reprodução econômica em momentos do capital. Configura-se desta forma uma dinâmica que engloba mas que ao mesmo tempo vai muito além da organização da circulação de dinheiro e mercadorias entre os países. Trata-se de um processo em que se reformulam constantemente as próprias formas de sociabilidade, a política, a técnica, a cultura e as formas de pensamento. Visto em seu balanço histórico retrospectivo, o Sistema-Mundo deixa como legado contemporâneo a generalização da relação social de capital em todo o mundo, mesmo que em muitas regiões não estejam garantidas as condições por assim dizer “normais” de sustentabilidade para sua reprodução.

A vocação universalizante e expansiva do capital, portanto, sustenta a própria conformação do Sistema-Mundo, plasmando na longa duração uma totalidade tanto espacial quanto temporal. No que tange ao primeiro aspecto, tal conformação de um espaço comum terá seu momento inicial quando o assim chamado processo de Acumulação Primitiva emerge na Europa. A seguir, posto em marcha o modo de produção efetivamente capitalista, há uma mudança substancial de qualidade. Ao expandir as forças produtivas e ao tornar obrigatório não apenas maiores exportações de mercadorias como também de capitais, o processo de unificação do mundo em torno do capital ganhará em intensidade e abrangência. Integrando e transformando diferentes regiões e paulatinamente submetendo-as à lógica do valor, o capital vai se impondo sobre os diferentes continentes.

Ao mesmo tempo, no plano temporal, quanto mais se desenvolve a dinâmica propriamente capitalista, isto é quanto mais ela se afirma como um imperativo objetivo e incontornável, mais as diferentes regiões do planeta serão submetidas ao mesmo pano de fundo histórico, ou seja, a mesma temporalidade abstrata do valor.¹ Ao mesmo tempo, como o processo de unificação histórica das diferentes regiões também cria assimetrias e desigualdade entre elas, é justamente a disseminação da temporalidade do capital que estabelecerá as diferentes posições que cada uma delas na hierarquia sistêmica: centro X periferia, desenvolvido X subdesenvolvido, adiantado X atrasado, etc.

Em síntese, a própria ideia de uma determinada estrutura internacional que informa o conceito de Sistema Mundo é tributária de uma dada totalidade espacial e histórica que se desdobra a partir da imposição do processo de acumulação de capital. Daí que, como sugeriremos mais à frente, a crise

¹ Como bem frisou Moishe Postone, a própria noção de um tempo abstrato só é possível historicamente a partir da generalização do capital e do valor como formas de sociabilidade. O tempo torna-se abstrato, pois ele mesmo passa a figurar como um fim em si, puramente quantitativo, desencarnado das dimensões concretas da vida social, em contraposição ao metabolismo social de formações pré-capitalistas: “a própria existência de um fluxo histórico contínuo, automático, está intrinsecamente relacionada à dominação social do tempo abstrato.” (Postone, 2014, p. 340). Tal ideia de Postone pode ser usada para se pensar que própria a historicidade comum do Sistema-Mundo há de aflorar precisamente na medida em que as diferentes regiões são integradas no processo de imposição do capital.

contemporânea do capital há de transformar profundamente a dinâmica sistêmica. E é justamente na ausência de uma apreensão adequada entre os elos entre o Sistema-Mundo e a lógica do capital, por outro lado, que mora o Calcanhar de Aquiles da formulação daquele que é a referência comum e marcante de todo o debate atual sobre Sistema-Mundo, o historiador francês Fernand Braudel.

2) As lacunas do “edifício” de Braudel

Na leitura idiossincrática de Braudel do capitalismo histórico, o autor chama a atenção para a continuidade na longa duração de hierarquias econômicas e políticas. Para melhor explicitar isto, ele se utiliza da sua famosa metáfora do “edifício” de três andares. Haveria um andar de baixo – a chamada Vida Material – cuja finalidade seria a mera reprodução da vida através da produção de valores de uso. Acima da Vida Material o andar do meio seria por ele designado de Economia de Mercado. Nele, predominariam as práticas efetivamente concorrenciais, o “preço justo”, a luta impessoal de todos contra todos e a extrema especialização produtiva. Tal Economia de Mercado jamais poderia ser confundida com o que Braudel efetivamente chama de Capitalismo, o andar de cima. Pois no topo do “edifício”, a negação da concorrência – isto é, o monopólio – seria a regra. Tampouco existiria o “preço justo”, mas sim diferentes formas de se garantir de forma perene os lucros extraordinários. Logo, o Capitalismo seria melhor descrito como uma espécie de “anti-mercado” ao contrário de certas definições convencionais. Ao mesmo tempo os capitalistas jamais ficariam restritos à uma única atividade específica tal como os agentes da Economia de Mercado. A flexibilidade e capacidade de mudança seriam os atributos daqueles que estariam no topo da hierarquia. Deste modo, Braudel negava terminantemente uma definição de Capitalismo que englobasse num mesmo conceito a atividade de um Warren Buffet e a do dono de um pequeno comércio - este sim subordinado à lógica cega da concorrência. E na sua definição do conceito, o Estado ocupará lugar central. Pois não há outra forma de se garantir a permanência no longo prazo dos privilégios monopolistas sem o apoio direto ou indireto estatal. *“O capitalismo só triunfa quando se identifica com o Estado, quando ele é o Estado”* (Braudel, 1987, p.55). Contra a impessoalidade da Economia de Mercado – e contra certas visões neoinstitucionalistas recentes - o Capitalismo na prática só prospera quando for um “capitalismo de laços” entre os poderes político e econômico.

É fundamental notar que para Braudel é essa articulação no topo do “edifício” que unifica a Economia-Mundo.² Pois para ele é apenas a partir do “andar de cima” onde capital e Estado estão fundidos que serão soldados os elos que unificam as regiões outrora apartadas e incomunicáveis numa

² Braudel usa aqui o conceito de Economia-Mundo e não Sistema-Mundo como Wallerstein. Não entraremos aqui nos motivos que levam aos dois conceitos distintos. Eles podem ser tomados como equivalentes para os propósitos do nosso artigo.

mesma Economia-Mundo capitalista e unificada. A Europa será então o lócus que irradia o processo na medida em que sua histórica específica de disputas entre soberanias nacionais distintas há de reforçar a fusão entre poder e capital que depois há se espalhar para fora do continente. Muito mais que a suposta capacidade de inovação, espírito mercantil e empreendedorismo dos europeus, será precisamente tal conurbação entre poder e capital – sempre mediada pela violência - que projetará a força capitalista do continente para os demais cantos do mundo.

Assim como o “andar” capitalista submete os demais “andares” do “edifício” braudeliano numa mesma região, dentro da Economia-Mundo também haverá a predominância dos capitalistas de uma região dominante em relação ao “edifício” de outras regiões. Deste modo, em cada período um determinado pólo geográfico terá proeminência sobre outros Estados e capitais na luta por lucros monopolistas. Iniciando-se com as cidades comerciais italianas no século XIII, a hegemonia no interior da Economia-Mundo irá posteriormente ser trasladada para a Holanda, depois para a Inglaterra, para finalmente no século XX se assentar nos EUA. Todo esse período Braudel chamará de Capitalismo, evitando assim outras periodizações que apontam, por exemplo, a Revolução Industrial como um marco decisivo para o seu advento. Pois para ele, o mais importante para a compreensão do Capitalismo será entender como se dá na longa duração um determinado jogo sempre liderado pelo “andar de cima”.

Certamente a visão de Braudel tem o mérito de explicitar certas dimensões que por vezes se ignora na apreensão do capitalismo histórico. A produção constante de desigualdade não apenas entre classes e grupos mas também entre países certamente é um desses méritos. Assim como a valorização do papel do Estado e da força como elementos decisivos no interior da Economia-Mundo. Por outro lado, a sua metáfora do “edifício” torna obscuros um conjunto de elementos da dinâmica capitalista que pretende explicar. A forma pela qual Braudel separa e justapõe os três “andares” é no mínimo questionável. Pois se, como pensamos que deve ser o caso, o capital for tomado como uma relação social que abarca e revoluciona a dinâmica da produção e dos mercados num dado sentido, não se sustenta a divisão tripartite esposada por Braudel. Na medida que a dinâmica de acumulação de capital ganha corpo, a vida material e os mercados passam a ser ressignificados e reconfigurados pelo próprio processo capitalista e não guardam meramente uma relação exterior com este último.

Tal compartimentalização realizada por Braudel é o que explica a sua sugestão de que o capitalismo ao lidar diretamente com a produção se sentiria desconfortável e rigidamente preso, ou seja “fora de casa”, ao passo que ele estaria “dentro de casa”, à vontade, ao se embrenhar de forma flexível pelas finanças e pela circulação de mercadorias sem contato direto com os empreendimentos produtivos. O problema aqui não é apenas que se oblitera o caráter processual do capitalismo em que produção, comercialização e finanças fazem parte do mesmo movimento incessante de valorização. Para além disso, Braudel acaba por superdimensionar a agência dos indivíduos que ocupam o topo

da hierarquia. Tudo se passa como se a intencionalidade e os interesses das camadas superiores fossem os motores a moldar e direcionar o evoluir da Economia-Mundo através de suas conexões e sua influência junto aos Estados. Daí perde-se de vista as imposições dadas pela lógica impessoal do capital. É evidente que os interesses conscientes de tais agentes são importantes, mas eles são informados e constrangidos por uma dinâmica fetichista que por isso mesmo os escapa.

Toda essa construção de Braudel leva a uma tendência de se replicar as condições de origem da Economia-Mundo europeia para todo o desenrolar histórico subsequente. É como se o impulso inicial já posto no século XIII tecesse o enredo dos desdobramentos posteriores determinando aquilo que ele chama de continuidade na longa duração do capitalismo histórico. Nas suas palavras *“(...)jamais existe entre passado, mesmo passado longínquo, e tempo presente uma ruptura total, uma descontinuidade absoluta ou, se preferirem, uma não-contaminação. As experiências do passado não cessam de prolongar-se na vida presente, de a fecundar.”* (Ibidem, p. 43) A dinâmica do capitalismo será então determinada pela trama originária de poder e riqueza que ao longo do tempo vai adensando-se e tornando-se mais complexa e abrangente, mas que por outro lado não deixa de ser um permanente retorno do mesmo.

Por mais rica e instigante que seja a exposição de Braudel ela acaba se tornando unidimensional e limitante ao colocar o seu acento tônico principal nos mecanismos que asseguram os privilégios do “andar de cima”. Isso reduz seu poder explicativo, pois existe sim uma “ruptura total” com o passado na medida em que se desdobra o processo de imposição do capital. Na medida em que a Economia-Mundo passa a ser efetivamente capitalista, a dinâmica própria da acumulação de capital passa a dar o tom mudando os termos e a própria qualidade do funcionamento das relações internacionais como um todo. Tanto os limites quanto as possibilidades da Economia-Mundo terão, portanto, íntima relação com as consequências econômicas, políticas e sociais do processo de valorização capitalista. É sintomático, portanto, que em Braudel a questão das crises do capitalismo apareça apenas de forma lateral na sua exposição, sem estar diretamente incorporada nos desdobramentos da Economia-Mundo. Mais ainda, a maneira concreta pela qual se estabelece a dominação de um pólo sobre o outro na Economia-Mundo também não são totalmente elucidadas com as lacunas do “edifício” de Braudel. Por exemplo, as condições de sociabilidade, poder, legitimação internacional e exercício da violência serão muito diferentes no quadro da hegemonia inglesa, onde a mercantilização total da vida e a lógica do valor ainda não dominam diretamente a maioria das regiões do globo do que nos marcos da hegemonia estadunidense em que o processo de imposição do capital está em vias de plena realização.

Por fim, se Braudel tem o mérito de colocar no centro a questão do Estado na sua análise, contraditoriamente a sua própria abordagem não permite qualificar devidamente o papel estatal. Pois se é certo que os Estados Nacionais europeus na origem foram os pivôs de uma dinâmica que

pavimentou o capitalismo, por outro lado, o conjunto dos Estados passará paulatinamente a ser dominado pelos designios da valorização tornada um fim em si mesmo. É verdade que na história do capitalismo os Estados serão sempre fundamentais para pavimentar as condições da própria acumulação e reprodução do capital. Mas, justamente, entretanto, na medida em que a lógica do capital como relação social vai se consolidando o Estado passará também a ser tributário das vicissitudes da lei do valor. Ou seja, se o Estado em determinadas circunstâncias pode influenciar e direcionar de certa forma o processo de valorização do capital, este último por sua vez jamais deixará de se impor sobre esses mesmos Estados como um processo autônomo e autorreferente para além dos desejos imediatos dos capitalistas e governantes. Isso incidirá diretamente na questão da financiabilidade do Estado, na sua capacidade de regulação e intervenção, na sua capacidade de adquirir legitimidade e por fim nas conexões internacionais internas à Economia-Mundo.

Esse conjunto de questões que emanam de nossa leitura sobre Braudel são fundamentais para o próximo passo deste artigo. Refletiremos a seguir acerca da contribuição de três outros autores importantes no debate sobre Sistema-Mundo no que tange às transformações recentes. A despeito das idiosincrasias de cada um que debateremos, buscaremos mostrar também que neles há uma certa herança braudeliana que ajuda a explicar algumas análises que consideramos equivocadas.

3) Leitura crítica das teorias do sistema-mundo sobre as relações internacionais contemporâneas

a) Arrighi:

Explicitamente influenciado por Braudel, Giovanni Arrighi irá desenvolver sua teoria dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação com o objetivo de preencher uma dimensão ausente no historiador francês: os momentos de ruptura e de descontinuidade que levam às trocas de hegemonia no interior do Sistema-Mundo. Marcados por duas fases, os Ciclos Sistêmicos teriam um primeiro momento de expansão material que seria seguida depois por uma expansão financeira. No primeiro caso, um determinado país ou região lideraria e pavimentaria o caminho para expansão da produção e do comércio através de inovações e mudanças nas formas de se empreender. Tomando emprestado a terminologia D-M-D' de Marx num sentido um tanto diferente, a fase de expansão material seria simbolizada pelos dois primeiros termos, D-M. Com isso Arrighi quer dizer que em tal fase o capital tenderia a se embrenhar em investimentos por assim dizer mais “rígidos”, mas que no entanto se justificariam pela sua maior rentabilidade. No entanto, tal expansão material não poderia ser perene pois inevitavelmente a própria concorrência entre as regiões do Sistema suscitaria crises de superacumulação e queda dos lucros. A expansão financeira que daí seria decorrente, assentada no

acúmulo de recursos da fase anterior de expansão material, é expressa por Arrighi pelo M-D' da terminologia marxiana. Seria este o momento em que, planejada e deliberadamente o capital (Arrighi, 1996, p.10) – tomado aqui como o “andar de cima” braudeliano – lograria diversificar seus investimentos rumo a aplicações mais “líquidas” e “flexíveis”. Mecanismos com o D-D', isto é a remuneração pela mera posse de capital por fora da produção - o equivalente ao capital “dentro de casa” para Braudel” - ganhariam aqui um peso especial apoiados nas habilidades e laços de cúpula estatais e privados dos capitalistas.

No entanto, ao mesmo tempo em que a expansão financeira aparece como válvula de escape para o declínio de rentabilidade produtiva e comercial, ela também traz consigo sinais do canto de cisne de uma dada hegemonia. A partir daí, um novo locus lideraria uma retomada do processo de expansão material e paulatinamente destronaria o antigo pólo dominante, sendo inclusive beneficiado pelos créditos da expansão financeira deste último. Destarte, a despeito do fato de que cada ciclo sistêmico seja mais abrangente e complexo no seu arranjo, seria possível ler na história do capitalismo uma dinâmica cíclica em que a aliança entre poder nacional e capital ascende para depois entrar em crise.³

Tal construção de Arrighi é o esteio de sua reflexão sobre as transformações do capitalismo a partir dos anos 1970. O Ciclo Sistêmico liderado pelos EUA, cuja expansão material teria se dado no pós-guerra, estaria em sua segunda fase M - D' liderada pelo capital financeiro. Seguindo Braudel, para Arrighi o advento do capital financeiro centrado nos EUA não seria uma novidade mas sim um fenômeno recorrente dos ciclos. E justamente aqui reside a feição mais problemática da formulação de Arrighi. A financeirização contemporânea passa a ser encarada meramente como mais uma etapa cíclica. Ora, mesmo que concordemos com o esquema geral de Arrighi de expansões financeiras cíclicas isso não poderia nos eximir de analisar o que há de particular em cada uma dessas expansões. Pois a recente financeirização reflete inegavelmente uma mudança de qualidade no capitalismo que impacta profundamente a estrutura do Sistema-Mundo. As crises recorrentes, o aumento exponencial do endividamento público e privado e o componente crescentemente especulativo e curto-prazista das decisões capitalistas suscitam questões de fundo. A já longa perenidade do processo de financeirização e o fato de que nem mesmo profundas crises como a de 2008 apontem para sua contenção prova que o que está em curso não pode ser lido como mais uma repetição do passado.

Arrighi está correto quando afirma que a crise na lucratividade dos anos 1970 impulsiona o processo de expansão financeira centrado nos EUA. Mas a questão, justamente, é que a forma como ele lê o processo dá margem para conclusões falsas. Seguindo a retórica braudeliana, para Arrighi a expansão financeira recente é lida como se fosse uma espécie “carta na manga” dos capitalistas, isto

³ Arrighi discute os ciclos na história do capitalismo a partir dos mesmos quatro pólos hegemônicos que já citamos acima com Braudel.

é, um produto do arbítrio dos indivíduos que dominam a riqueza. Quando na verdade, cremos, a atual financeirização desvela um problema muito mais profundo que é o da ausência de qualquer padrão sustentável de acumulação de capital. O recurso desmedido ao crédito revela uma necessidade insaciável de se tentar acelerar o tempo do capitalismo, antecipando-se o futuro através da criação de capital fictício. O desenvolvimento e a relativa autonomização na figura do capital portador de juros não se opõem como algo exterior à produção como sustentam certas abordagens, mas sim são momentos fundamentais dentro da divisão funcional de papéis no interior mesmo da dinâmica capitalista. O que há de relevante e inédito nas décadas recentes, por outro lado é a crescente disparidade entre de um lado, acumulação produtiva e expansão material bloqueadas, e de outro crescimento expandido de formas fictícias de valorização do capital. Na nossa visão tal descolamento será melhor apreendido não como mais um retorno cíclico da finança, mas sim como um sintoma dos limites da própria expansão do valor enquanto tal. Ou seja, a hipertrofia financeira atual deve ser apreendida como uma busca em vão de se substituir a efetiva criação de valor em dificuldades. Ora, tal processo não é determinado em primeiro lugar a partir da decisão e do escrutínio dos próprios capitalistas, mas sim assenta-se nas antinomias da própria lógica do capital. Os interesses dos capitalistas em torno da irrefreável expansão financeira recente são mais o produto desta última do que sua causa. Aqui, como em Braudel, a apreensão do capital em Arrighi como uma dada “cúpula” de poder e riqueza, minimizando-se o seu aspecto de uma relação contraditória e expansiva que abarca a totalidade social faz pagar seu preço.

O dito acima é fundamental para uma apreciação crítica da maneira pela qual Arrighi analisa as transformações em curso. Para o autor, a Ásia lideraria um novo foco de expansão material cujo epicentro seria a China após um período de liderança do Japão. No entanto, diferentemente de outras transições hegemônicas do passado, estaria ocorrendo um processo inédito e idiossincrático. Pela primeira vez na história do Sistema-Mundo o centro econômico estaria localizado fora do Ocidente. Também de forma inédita haveria uma bifurcação radical entre poder político/militar e o poder econômico. Afinal, a ascensão asiática não estaria baseada como as anteriores na combinação entre força política (direta ou indireta) e a força econômica. Do outro lado, mesmo que permanecendo a potência militar e política inconteste, os EUA estariam severamente debilitados economicamente. Suas grandes empresas estariam se deslocalizando – em geral rumo à Ásia – ao mesmo tempo em que seu déficit em conta corrente crônico o levaria a uma situação devedora perante os mesmos países asiáticos, especialmente a China. Portanto, diferentemente dos anteriores Ciclos Sistêmicos, os EUA não portariam o papel de credor ativo na sua fase cíclica de expansão financeira, papel este que sempre coube no passado aos líderes do Sistema-Mundo e que ajudou a financiar a expansão material de novos pólos. Justo ao contrário, a sua dívida pública e seu poderio militar estariam sendo financiados em boa medida pelo novo complexo asiático.

O ineditismo de tal separação entre poder econômico e político/militar faz com que Arrighi trace três cenários prospectivos para o Sistema-Mundo: 1) caos sistêmico 2) a intensificação da vocação imperialista e agressiva dos EUA para tentar conter a ascensão sino-asiática 3) A aceitação da parte dos EUA de sua perda relativa de importância em favor do novo pólo liderado pela China. As duas primeiras hipóteses nos parecem perfeitamente plausíveis mesmo que, como sugeriremos mais à frente, por motivos distintos de Arrighi. Já a terceira hipótese merece mais atenção. Ela se desdobra diretamente do argumento central do último livro de Arrighi *Adam Smith em Pequim*: a ascensão asiática traria consigo a possibilidade do fim do Capitalismo no sentido braudeliano do termo. Leia-se, na medida em que a expansão material puxada pela China estaria assentada meramente na sua capacidade de concorrência econômica, poderia estar emergindo uma nova configuração no Sistema-Mundo em que a trinca poder-riqueza-violência (direta ou indireta) estaria ausente. Daí o relativo otimismo⁴ de Arrighi quanto às consequências da realização desta terceira hipótese: um mundo menos turbulento e violento, menos assimétrico e mais harmônico que dissolveria substancialmente a concorrência interestatal predatória fazendo prevalecer em seu lugar uma concorrência mais estritamente econômica de mercado. Seria então a retomada de uma dinâmica ditada pelo “andar do meio” de Braudel, da “Economia de Mercado” e portanto um golpe na longa duração da dominação do “andar de cima” capitalista, recuperando-se assim a partir de Pequim uma utopia já presente em Adam Smith no século XVIII.

Entretanto é no mínimo pouco provável a ideia de que na Ásia estaria em curso uma verdadeira expansão material no sentido que o próprio Arrighi atribuiu ao termo. Afinal, o papel da expansão material na sua teorização não é apenas o crescimento prolongado de uma dada região, mas sim o fato de que ela lidera um processo generalizado de expansão de mercados e de acumulação que se difunde para outros cantos do Sistema-Mundo. Ora, desse ponto de vista não é nem de longe válido comparar a expansão liderada pela Inglaterra no século XIX e pelos EUA no século XX com o papel da China de hoje. Pois se esta teve o seu “milagre” nas últimas décadas, isso não anula o fato maior de que no mesmo período o crescimento econômico e a acumulação de capital no globo têm sido pífios. Ademais, sem o boom fictício nos EUA e outras regiões, não teria sido possível um crescimento de tal magnitude liderado pelas exportações na China. Mais ainda, a própria economia chinesa após a crise de 2008 tem lançado mão de uma expansão desmedida de crédito e capital fictício para tentar retomar em vão suas taxas de crescimento de outrora. A excepcionalidade da China não livra o país e muito o menos o mundo das consequências de uma crise estrutural e de longo prazo.

⁴ “...Se essa orientação conseguir reviver e consolidar as tradições chinesas de desenvolvimento baseado no mercado e centrado em si mesmo, de acumulação sem desapropriação, de mobilização de recursos humanos, ao invés de não-humanos, e de governo com participação das massas na configuração das políticas, então existe a possibilidade de que a China esteja em posição de contribuir decisivamente para o surgimento de uma comunidade de civilizações que de fato respeite as diferenças culturais.” (Arrighi, 2008, p. 393)

Ao mesmo tempo, mesmo que se efetivasse uma efetiva hegemonia econômica chinesa, a conjectura de que ela tenderia a abortar o jogo secular de violência e força política do Sistema-Mundo é a nosso ver tomar a retórica pelos fatos. A militarização e a extroversão das pretensões geopolíticas da China têm crescido consideravelmente e tudo indica que esse processo só tenderia a aumentar caso o país aumente seu protagonismo. Mas o problema maior nessa linha geral de argumentação de Arrighi é a sua incorporação acrítica da utopia smithiana de uma integração mercantil virtuosa que mitigaria tendências belicistas e imperialistas. Pois no plano mais imediato das relações internacionais - mesmo na suposição “heroica” de que a ascensão “benigna” asiática tornasse as disputas nacionais menos relevantes - restaria um outro problema-chave, a saber, a garantia de um dispositivo global que assentasse as condições globais de reprodução do capital. Neste sentido, como bem mostrou Woods(2014) o caráter do imperialismo no século XXI – caracterizado por “guerras sem sim e sem objetivo claro” – tem fundamentalmente a ver com a necessidade de se produzir alguma ordem para um capitalismo cada vez mais global em meio à miríade de soberanias nacionais conflitantes entre si. Isto é, na terminologia marxista, para uma infraestrutura cada vez mais transnacional da economia não haveria uma superestrutura política igualmente transnacional correspondente. Precisamente desta contradição emana o caráter cada vez mais de “polícia mundial” do imperialismo dos EUA. Pois o importante não seria tanto como no passado a contenção de um inimigo claro e definido, mas sim o efeito demonstração sobre o conjunto de Estados Nacionais através do combate a inimigos difusos como o terrorismo. Mais do que efetivamente derrotar o terror, a questão-chave seria a de explorar a opacidade de adversários a serem combatidos *ad eternum* para exibir a força americana perante o mundo. Em suma, para Woods, o militarismo inflado dos EUA, mesmo que não deixe de corresponder a interesses diretamente norte-americanos, refletiria a necessidade de se buscar alguma disciplina política sistêmica na base da coação do conjunto das nações. Se ela está correta, como pensamos, isto é, se o belicismo contemporâneo não depende apenas da existência de conflitos diretos entre países, mas também ganha vigor com o próprio potencial de anarquia política mundial, há de se perguntar como a hipotética nova dinâmica trazida do Oriente iria tornar prescindível o uso da força.

Ademais, num plano menos imediato e mais geral, o fim do capitalismo no sentido de Arrighi/Braudel não pode entregar o que promete. Em si mesmo, tal hipotético processo deixaria intacta a relação de capital que não se resume puramente à troca em mercados, mas implica em toda uma dinâmica cuja finalidade última é a valorização do valor.⁵ Deste modo não se poderia conter a

⁵ Concordamos com Postone (2011, p. 89) quando afirma que: “No tratamento de Arrighi dos ciclos do capitalismo, a categoria capital permanece fundamentalmente subteorizada. Conseqüentemente, sua abordagem exclui qualquer análise acerca do que constitui o caráter específico do capitalismo, sua dinâmica histórica. Em vez disso, como sua concepção do fim do capitalismo indica, Arrighi funde esta dinâmica com a ascensão e queda de hegemonias. Sua abordagem substitui a análise do que fundamenta a dinâmica por uma descrição de um padrão e o faz de maneira a também excluir considerações sobre as contínuas estruturas e reestruturas do trabalho e, de maneira geral, da vida social no capitalismo.”

dinâmica irracional e disruptiva que acompanha a própria lógica capitalista sobretudo quando esta última encontra-se em crise. Afinal a violência que marcou toda a história do Sistema Mundo não é produto apenas das disputas hegemônicas entre os Estados, mas também faz parte do próprio processo de socialização fetichista tanto entre os diferentes países como no interior de cada um deles. E se, como vemos hoje, a reprodução de tal sociabilidade torna-se cada vez mais difícil e com menos capacidade de angariar legitimidade é de se esperar o crescimento da xenofobia, do nacionalismo, da violência generalizada e do potencial de agressividade nas relações internacionais.

Em suma, mesmo que o autor prudentemente trace esta hipótese como uma entre outras, a sua análise é útil na medida em que permite a crítica de alguns dos pressupostos que informam o debate sobre Sistema-Mundo. É curioso que, paradoxalmente, o marxista Arrighi acabe por nos oferecer um sabor um tanto liberal - mesmo que “orientalizado” - nessas conjecturas que trazem reminiscências do conceito kantiano de “paz perpétua”. Hipótese que em si mesma é totalmente coerente com o “edifício” braudeliano, mas que nos leva a questionar justamente os seus alicerces.

b) Fiori

Se José Luís Fiori incorpora a visão braudeliana de capitalismo tal como Arrighi, nem por isso deixa de fazer acerbos críticas a este último. O ponto nodal de divergência seria o estatuto do poder americano no mundo contemporâneo. Como Arrighi teria ficado preso ao seu conceito limitante de “Ciclos Sistêmicos” ele teria falsamente concluído que estaria vigente um inequívoco declínio dos EUA. Para o autor brasileiro o que faltaria a Arrighi é justamente a perspectiva de longo prazo de Braudel. Pois nesta última, para Fiori, o poder americano a partir dos anos 1970 teria logrado o seu reforço. Por exemplo, a derrota na Guerra do Vietnã teria sido seguida da aproximação de Nixon com Mao o que teria ajudado a debelar a ameaça soviética. E com a queda posterior da URSS, os EUA se sacramentariam como potência militar enormemente superior às demais. De forma análoga no plano econômico, a perda relativa de competitividade americana no início dos 1970 e a conjuntura que levou ao fim dos acordos de Bretton Woods pavimentou o caminho – reforçado pela política Volcker de 1979 – da predominância incontestada do dólar como moeda reserva e todos os privilégios daí advindos, inclusive os militares. Ademais, a financeirização centrada nos EUA não significaria enfraquecimento, mas sim o seu oposto. Afinal, se a importância do capital financeiro é de fato um fenômeno mundial, sua centralização em torno do dólar e do mercado financeiro americano só poderia significar mais e não menos capacidade de exercer domínio.

É importante frisar que, mais do que simplesmente reafirmar a força dos EUA, Fiori nos oferece uma leitura e teorização própria da história do Sistema-Interestatal Capitalista⁶ em contraposição a Arrighi e também Wallerstein. Nas palavras de Fiori haveria uma tendência destes autores de darem “*uma atenção quase exclusiva às contribuições positivas do poder hegemônico para o funcionamento do sistema, e com isto não consegue entender, por exemplo, porque o hegemôn é quem mais contribui para a contínua desagregação(...) do próprio sistema(...) Por isso finalmente, estas teorias chamam de crise qualquer disfunção sistêmica e anunciam crises terminais.*” (Fiori, 2008, p. 21) Em contrapartida, Fiori avança o seu conceito de “Universo em expansão”. A dinâmica iniciada na Europa no século XII ao generalizar a busca por acumulação não apenas de capital, mas também de poder político, seria por sua própria natureza incessante e disruptiva. As pressões competitivas – tanto político-estatais como econômicas – no interior do “Universo” tenderiam portanto a “*um aumento do número e da intensidade dos conflitos*” (Ibidem, p. 17). Logo, a desordem e os conflitos não apenas fazem parte da genética do Sistema como são os pressupostos da contínua expansão do seu “Universo em Expansão”. Pois, justamente, sem a eterna competição – que envolveria também a sempre perene ameaça de violência militar – as potências do sistema perderiam força e o sistema entraria num “*estado entrópico*” (Ibidem, p. 31).

Assim, os momentos de instabilidade para Fiori jamais podem indicar *per se* uma crise hegemônica e menos ainda um processo maior de crise sistêmica. Ao contrário, são justamente os momentos de intensificação de disputas e turbulências – os quais Fiori chama de “explosões expansivas” – que farão o sistema ampliar ainda mais e que também permitirão sua potência-líder azeitar ainda mais o seu poder político e econômico. Assim, nos anos 1970, a despeito de um incontestável declínio conjuntural relativo dos EUA, uma nova “explosão expansiva” esteve em curso cujo resultado final foi o de reforçar ainda mais o peso americano. De forma análoga, na década passada, com a retomada de importância da Rússia, a ascensão chinesa e o avanço na unificação europeia com o Euro, uma nova “explosão expansiva” estaria em processo. E mais uma vez, à despeito das fragilidades conjunturais, tudo indicava no longo prazo que o colapso americano não passaria de um mito, pois a própria intensificação das querelas e conflitos tendia a corroborar a reafirmação do poder dos EUA.

O argumento de Fiori tem o mérito de chamar a atenção para o caráter de tensão permanente e para a ausência de qualquer ponto de equilíbrio no Sistema. De fato, Arrighi e Wallerstein perdem de vista como muitas vezes a liderança precisa criar desordem e caos para se firmar. Mas, por outro lado, a questão que deve ser feita acerca da contribuição de Fiori é a seguinte: “Universo em Expansão”, mas expansão até onde? Nos termos de sua teoria, o processo de “*acumulação de poder*

⁶ Fiori prefere usar este termo do que Sistema-Mundo para afirmar “*a importância permanente e insuperável dos Estados Nacionais*” na sua análise. (Fiori, 2014, p. 17)

e capital” (Fiori, 2014, p. 25) é ilimitado. Na sua metáfora astronômica as sucessivas “explosões expansivas” e os desequilíbrios daí decorrentes sempre projetam para frente a dinâmica do Sistema-Mundo. Mas justamente o que deve ser posto em dúvida é se é lícito tratar a dinâmica recente do capitalismo histórico nestes termos. Não seria mais correto dizer que, ao contrário do passado, este mesmo “Universo” estaria hoje vivendo numa fase de estagnação ou mesmo de retração? Se estamos corretos em considerar que o processo de acumulação de capital encontra obstáculos não meramente episódicos, mas sim estruturais, a ideia de uma expansividade sistêmica fica deveras prejudicada. Consequentemente a retomada de conflitos e a cada vez mais conspícua desordem global que marca o século XXI não poderá ser lida na perspectiva de mais uma nova “explosão expansiva”. Ao contrário, nos parece muito mais profícuo situar a instabilidade presente nas relações internacionais não apenas nas dificuldades de expansão econômica como também nos problemas sociais e políticos que emanam da própria ordem capitalista em crise.

Nesse quadro, mesmo que concordemos com Fiori quanto aos exageros dos teóricos que projetam de forma um tanto apressada o declínio americano, é certo por outro lado que o papel dos EUA no mundo há de ser muito diferente num quadro de crise estrutural global do que fora em períodos anteriores. A nosso ver a raiz do erro de Fiori reside na sua noção de que o Sistema teria como impulso primordial a lógica da acumulação de poder como fim em si, isto é, uma dinâmica de “poder pelo poder”. Tal proposição tende a projetar na história um viés politicista, como se os principais sujeitos da modernidade capitalista fossem os próprios Estados em sua eterna e crescente busca pela incorporação de força⁷, quando nos parece mais correto dizer que tal papel proeminente cabe à lógica tautológica da “valorização do valor” ilimitada que informa os meandros da vida política e social. Ademais, uma acumulação de poder capitalista moto contínuo sempre ascendente, só pode se sustentar com uma acumulação de capital igualmente ascendente. Perde-se de vista, portanto, que a situação contemporânea de barreiras consideráveis para a expansão do capital de forma sustentável implicam em mudanças de qualidade no caráter do poder estatal e não autorizam a ideia de uma continuação da agregação infindável de poder no Sistema-Mundo.

Tais considerações implicam numa leitura distinta do estatuto do poder americano. Fiori por certo tem razão em destacar a força ímpar do dólar e os atributos exclusivos de senhoriagem dos EUA. Mas isto não anula o fato dos EUA é o epicentro que um padrão global de acumulação cada vez mais instável amparado na financeirização e na expansão desmedida de crédito que traz consequências adversas consideráveis. E neste sentido, Arrighi tem sim suas razões para apontar os gigantescos déficits público e comercial dos EUA como sinais problemáticos. Não porque isso em si

⁷ Isso fica claro na seguinte citação “*a energia que move esse sistema vem da luta e da competição entre seus Estados e economias nacionais, pela conquista de posições monopólios, escassas e desiguais, por definição*”. (Ibidem, p. 27). Mesmo que Fiori afirme na sua exposição que com a generalização da acumulação de capital a dinâmica econômica adquire um movimento autônomo, cremos que ele peca por superestimar o peso da esfera política.

autoriza a sua tese de uma nova expansão material global ancorada na Ásia, mas sim porque as bases do capitalismo – nos EUA e no mundo - passam a depender de uma dinâmica cada vez mais irracional e fetichista através da criação desmedida de capital fictício. É claro que os EUA, justamente pelo papel exclusivo de sua moeda, podem se dar luxo de insuflar booms econômicos artificiais como o que ocorreu na década passada. Mas os limites de tal ficcionalização, explicitados na crise do *subprime*, são evidentes e nada aponta para um novo padrão de acumulação que os transcenda. Ao mesmo tempo, se não se pode desconsiderar que os EUA podem em função do lugar de sua moeda ter um padrão de gasto público astronômico que ajuda sem dúvida na manutenção de seu poder militar e político frente ao exterior, tampouco há de se deixar de notar que ao se substituir a criação efetiva de valor em crise por um aumento exponencial do endividamento e da emissão monetária escancara-se a precariedade em que se assenta o seu financiamento. Pois mesmo que não esteja à vista até agora um questionamento do dólar em função de tais circunstâncias, é fato que a financiabilidade estatal americana - como de resto em grande parte dos demais países- se assenta em cada vez maiores antecipações do futuro, apostando-se numa criação real de valor que pode nunca ocorrer.

Destarte, se na origem a liderança dos EUA pôde se projetar no quadro de capitalismo mundial em franco e perene crescimento, não se pode dizer o mesmo do tempo presente marcado por crises em maior quantidade e profundidade, baixíssimo crescimento e piora conspícua na concentração da renda. Se os anos 1990 puderam suscitar ainda um conjunto de ilusões em torno de uma próspera liberalização econômica mundial liderada pelos EUA, no século XXI é incontestável a sensação de mal-estar com a globalização. Pois o ponto que parece escapar a Fiori é que justamente pelo fato de que o imperialismo americano, diferentemente dos anteriores, tenha se imposto sem o uso da dominação política direta, ele não pode prescindir de mecanismos de legitimação e busca de consenso no exercício de sua hegemonia, mesmo que tenha à sua disposição um poderio militar inaudito na história. Portanto, mesmo que concordemos com a onipresença dos conflitos e da instabilidade como características do Sistema-Mundo e mesmo que é indubitável que em si mesmo o poder americano ainda é o mais destacado, o que se afigura neste século XXI não nos parece de forma alguma a retomada de um “Universo em Expansão”. As vicissitudes do modo de produção capitalista e a consequente necessidade de legitimação dos processos em curso mudam substancialmente os termos do Sistema Interestatal em diversos planos. Assim, a retomada recente do nacionalismo não parece ser fruto de pressões competitivas que serão capitaneadas mais à frente pelo poder americano, mas sim muito mais da necessidade desesperada de consensos políticos em cada país dada a *debacle* global que aumenta as fricções e tensões nas relações internacionais. Sem contar aqui um fator fundamental que está ausente em Fiori que são as dificuldades para criação de consenso interno à própria sociedade estadunidense no quadro atual, fator que explica em parte a xenofobia e o racismo que sustentaram o

fenômeno Trump. Em todo caso, a deterioração dos mecanismos de legitimação interna dos EUA, não pode deixar de debilitar a capacidade deles exercerem sua hegemonia externa.

Ademais, há de se salientar que a própria moldura da relação entre os países do que se convencionou chamar de Centro e Periferia do Sistema sofre mudanças decisivas. Se, no passado, o próprio conceito de subdesenvolvimento – mesmo que de forma limitada ou mesmo ilusória – indicava a promessa de se alcançar os padrões de consumo e produtividade do Centro e assim se atingir o estágio de países “avançados” agora trata-se via de regra de lidar com o colapso do processo de modernização dos países “atrasados”. Ou seja, mesmo que de forma dependente e associada, a promessa de desenvolvimento e progresso econômico da periferia lastreava um norte, por assim dizer, “expansivo” ao sistema-mundo. Hoje, tanto pelo curto-prazismo da financeirização como pelas exigências inalcançáveis de capitalização e tecnologia, exigências que por sua vez são paralelas à baixa incorporação de mão de obra tornando o “dumping social” de outrora em muitos casos obsoleto, a regra geral tem sido o aborto dos assim chamados “projetos nacionais” dos países periféricos. Para a maioria dos países, tal falência da modernização é inevitável em função do desnível de produtividade que leva ao paroxismo a disparidade entre a capacidade de concorrência e capitalização entre o pólo “atrasado” e “avançado” do Sistema. E pior: mesmo que o signo da desigualdade tenha sido a marca histórica do Sistema-Mundo, há agora uma mudança de qualidade, pois no mesmo momento em que o mundo todo passa a ser regido pela sociabilidade do valor, as condições para a manutenção da vida sob tal sociabilidade se deterioram em larga escala, produzindo-se bilhões de “sujeitos monetários sem dinheiro” – expressão de Robert Kurz - mundo afora.⁸

De toda forma, tais transformações explicitadas acima não podem deixar de ter implicações para a busca de hegemonia na dinâmica interestatal, em primeiro lugar da parte dos EUA. Vale aqui retomar a elaboração supracitada de Ellen Woods, com o necessário qualificativo ausente nesta autora de que o dispositivo imperialista contemporâneo está ligado à dinâmica da crise estrutural que implica não apenas o bloqueio à acumulação como também a destruição da capacidade de reprodução capitalista para um número crescente de indivíduos, regiões e mesmo países inteiros. Deste modo sua teoria sobre o novo papel do imperialismo dos EUA deve ser cotejada com os problemas que emanam de um processo de retração e desestruturação do potencial unificador do Sistema-Mundo, na medida em que se desfaz por completo o horizonte de expectativas para as regiões periféricas. Daí o fato de que o desejo de administração global da parte dos EUA há de exigir novos dispositivos de contenção.

⁸ Desse ponto de vista, é bastante questionável a ideia de Fiori (2008, p.55) de que “*todos os sinais indicam que a África será – pela terceira vez - o território privilegiado da nova corrida imperialista*”. Pois no mesmo passo que algumas localidades crescem economicamente em função da demanda por determinados recursos, todo um conjunto de regiões e países africanos torna-se literalmente excluído dos circuitos de produção e consumo globais, intensificando-se o caos e a desagregação social e política. Para tais regiões, ser explorado numa cadeia imperialista seria um “privilegio” em relação ao seu status de exclusão completa do Sistema-Mundo, fazendo com que não se possa nem a rigor chamá-las mais de periféricas.

É justamente por isso que pensamos que é pertinente o conceito de Robert Kurz de que o que estaria em curso seria algo como um “Imperialismo de crise”(Kurz, 2015) Pois o caráter cada vez mais instável e imprevisível da dinâmica internacional com o desenrolar das turbulências econômica, social e política do capitalismo contemporâneo reforçou – em especial a partir dos atentados de 11/9/2001 - a necessidade do caráter policialesco do imperialismo americano de forma a se buscar controlar e dar garantias mínimas para a reprodução global sistêmica. Garantias estas que passam também por coibir as pressões que advém de regiões de modernização abortada e com populações supérfluas para a lógica do capital e que por isso mesmo tornam-se focos de tensão e de levadas crescentes de imigrantes e refugiados.

Ao mesmo tempo, por outro lado, é possível também conjecturar que o próprio fracasso dos EUA em cumprirem tal papel de administradores globais a contento, ajudou a criar as condições para a ascensão de Trump e as novas incertezas que com ela se descortinam. E neste novo quadro é pertinente conjecturar também uma outra faceta possível deste mesmo “Imperialismo de crise” no qual os EUA estariam priorizando menos seu papel de coordenadores e chanceladores de uma dada ordem global e mais buscando impor seu novo nacionalismo de forma unilateral. De toda forma, em nenhum dos casos é correto pensar que trata-se de afirmar o papel dos EUA num quadro de expansão do Sistema-Mundo mas sim daquilo que parece ser cada vez mais a sua desestruturação.

Em síntese, o cerne dos problemas que emanam da elaboração de Fiori estão relacionados com o que já comentamos: sua visão politicista do Sistema que tende a projetar para o presente - sob inspiração braudeliana - a precedência do poder político sobre o poder econômico. Se tal assertiva pode ser correta para explicar as origens do capitalismo ela é falha a partir da dinâmica do capital já instituída. Não por outro motivo, pensamos, à despeito dos méritos de sua contribuição, Fiori é levado a conclusões bastante discutíveis quando, por exemplo, responde à seguinte pergunta por ele mesmo formulado “*O caminho dos ‘ganhadores’ está aberto a todos os países? Sim, está aberto, mas poucos serão os vencedores, porque a energia que move este sistema vem da luta contínua entre Estados, economias nacionais e capitais privados, pela conquista de posições monopolistas*” (Fiori, 2014, p.45). Ora, se assim fosse, restaria então pensarmos que o que falta aos países “derrotados” é apenas a correta articulação e destreza política para fazê-los vingar no Sistema Interestatal Capitalista, importando menos portanto o desnível cada vez maior de competitividade e acumulação de capital entre as distintas regiões. Ou seja, uma assertiva que não se sustenta. Deste modo, por conceber a dinâmica internacional capitalista como um jogo progressivo e sempre em aberto e também por isolar a esfera política e social das vicissitudes da crise estrutural do capitalismo – crise aliás que ele nega a existência – a teorização do Fiori de um “Universo em Expansão” encontra seus limites.

c) Wallerstein

Não pretendemos discorrer sobre vasta obra de Wallerstein. Nos concentraremos primordialmente na tese por ele defendida nos últimos anos acerca da vigência de uma crise estrutural e final do Sistema-Mundo Capitalista. A nosso ver, Wallerstein tem uma vantagem teórica em relação aos demais teóricos aqui debatidos justamente por centrar sua análise na tese de que *“um sistema histórico para ser capitalista, a característica dominante ou decisiva deve ser a busca permanente pela acumulação de capital sem fim – a acumulação de capital para se acumular mais capital”* (Wallerstein, 2013, p. 10) Daí o fato de que Wallerstein vislumbre na lucratividade capitalista um elemento decisivo, lucratividade esta que para ele neste século XXI estaria sendo irremediavelmente minada.

Para melhor vislumbrarmos o problema posto por Wallerstein, cabe partirmos da sua apreensão da relação Centro-Periferia⁹, fulcral para o autor. Pois ela fundamenta os mecanismos de transferência de valor de determinadas regiões subordinados para os pólos dominantes do Sistema-Mundo. Como em Braudel, tais mecanismos, presentes em todas as épocas do capitalismo histórico, são tanto extraeconômicos, como por exemplo o controle de determinadas rotas comerciais ou as relações diretamente coloniais com a periferia, mas também em mecanismos econômicos típicos do capitalismo industrial já desenvolvido, em que os desníveis de produtividade implicam na manutenção das trocas desiguais (Wallerstein, 2001, p. 29). Tais condições monopolísticas alargam, portanto, o excedente do Centro, ao passo que restringem a capacidade de acumulação periférica que em muitos casos só pode ser levada à cabo via superexploração do trabalho e uso recorrente da mão de obra barata de um semi-proletariado. Assim, em Wallerstein, a organicidade do sistema mundo é tributária destes elos de valorização articulados com as respectivas estruturas estatais do Centro e da Periferia.

Daí que para ele cada Ciclo Hegemônico - conceito que busca transpor a noção de hegemonia de Gramsci para as relações internacionais - sempre estará ancorado nas trocas desiguais entre Centro e Periferia. Na história do Sistema-Mundo, dificuldades não apenas diretamente econômicas, mas também sociais e políticas que acarretam em perda de legitimidade, debilitam a pujança dos pólos centrais e favorecem a sua substituição por novas regiões/países mais dinâmicos. Ao mesmo tempo, Wallerstein salienta que tal sucessão de ciclos hegemônicos tem como corolário a contínua expansão da fronteira do Sistema, um argumento que em boa medida resgata Rosa Luxemburgo. E aqui também a Periferia cumpre uma outra função crucial ao Sistema-Mundo na medida em que absorve exportações de capital em busca de mão de obra e custos mais baixos de produção, servindo como refúgio para as crises de lucratividade nas regiões mais desenvolvidas. Incorporando gradualmente

⁹ A rigor centro-semiperiferia-periferia. O conceito de semiperiferia, mesmo que importante na obra do autor, não será considerado aqui por não afetar o cerne da discussão que fazemos.

uma fronteira externa que servia como sua válvula de escape, a cada Ciclo Hegemônico o Sistema expandia sua amplitude geográfica tornando-se cada vez mais universal.

Todavia, nas últimas décadas haveria uma mudança de qualidade. Mais uma vez estaria à vista um claro declínio do pólo dominante (os EUA) mas que não daria vazão a um novo *hegemon*. E, mais importante para nossos propósitos, tal transformação qualitativa estaria entravando o próprio evoluir do Sistema-Mundo. A manutenção de um nível de lucratividade que suporte o processo contínuo de acumulação estaria esbarrando para o autor em três obstáculos principais e crescentes. Em primeiro lugar, diferentemente de outras épocas, tornava-se mais difícil dirimir as pressões salariais internas nas regiões mais ricas com a deslocalização da produção para as regiões periféricas. Estaria em curso um processo de desruralização do mundo, minando aquele potencial de mão de obra camponesa ou semiproletária que sempre servira como fronteira de expansão capitalista a baixo custo. Com as reservas de trabalho sendo comprimidas, os pleitos dos assalariados por maior participação na renda tornavam-se mais difíceis de serem negados, acarretando “*um aumento do nível salarial como percentagem dos custos de produção, calculado em média na economia mundo como um todo*” (Wallerstein, 2004, p. 66). Em segundo lugar, os novos padrões produtivos estariam tornando crítica a situação ambiental do mundo. Aqui o argumento de Wallerstein enfatiza não apenas a irracionalidade do capitalismo mas também a implicação direta que a questão ecológica traz sobre a lucratividade. Na medida em que as empresas (ou alternativamente o Estado por meio de taxação) precisam suportar os custos de tais externalidades negativas isso não pode deixar de debilitar os lucros e a acumulação. Por fim, um terceiro fator de pressão sobre a lucratividade adviria da questão fiscal. O aumento das pressões democráticas em todos os países por serviços públicos e assistência social estariam sobrecarregando os gastos estatais, fator que cedo ou tarde exigiria aumento da taxação sobre o excedente acumulável pelos capitalistas.

Vale notar aqui que Wallerstein entrelaça a questão das barreiras à acumulação com a dimensão cultural e dos valores, mesmo que isso não esteja sempre totalmente explícito. Pois é possível depreender de sua análise que, quanto mais o sistema se globaliza e se mercantiliza, mais se espraia uma dada mentalidade no seu interior que intensifica as pressões – do Centro à Periferia - por mais e melhores serviços governamentais e salários. Poderíamos aqui acrescentar ainda que a uniformização mundial dos costumes generaliza tanto um padrão de consumo predatório ao ambiente como também, por outro lado, a consciência da necessidade de se custear os cuidados de preservação do planeta oriundos desse mesmo padrão. Logo, para Wallerstein, não seriam principalmente os móveis diretamente econômicos os causadores do *profit squeeze*. A difusão e universalização de determinadas ideias, produto do próprio sucesso histórico do Sistema-Mundo, estaria trazendo sérios obstáculos para a sua legitimidade, colocando em xeque a sua continuidade. Não é à toa que ele endosse o vaticínio de Schumpeter de que o capitalismo sucumbiria não pelos seus fracassos mas sim

pelos seus sucessos (Ibidem, p. 74). Leia-se, para ambos o capitalismo tenderia a se esfumar não em função de percalços do seu sistema econômico mas sim em função da deslegitimação advinda de sua própria ordem institucional.

Destarte, a análise do autor há de se concentrar na dificuldade de compatibilizar a acumulação de capital com as demandas da sociedade no Sistema-Mundo contemporâneo. Nesta leitura, as mobilizações de 1968 são um ponto de inflexão. Seu caráter generalizado marca a insatisfação e a desilusão para com as expectativas geradas no pós-guerra no Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos. Com as frustrações acumuladas em relação aos desejos sociais crescentes, o próprio Estado Nacional perde legitimidade. Isso intensifica sobremaneira o caráter estrutural e terminal da crise em curso. Afinal, o enfraquecimento do poder estatal tende a desmontar os alicerces cruciais que sustentavam um certo consenso. A ideologia do desenvolvimento e progresso torna-se obsoleta, ao passo que o Estado perde força para domar as classes sociais subalternas que tendem a se radicalizarem com os percalços em curso. Ao mesmo tempo, como o Estado é essencial para garantir os pressupostos da acumulação e os privilégios monopolistas do capital, sua deslegitimação tende a jogar mais água no moinho da crise sistêmica. (Ibidem, p. 72). Em tese, para Wallerstein tal crise pudesse ser evitada com uma articulação consciente do “andar de cima”. Mas ele não crê nessa possibilidade argumentando que o grau de acordo e planejamento necessários para tanto seriam inviabilizados pela miríade de interesses particulares imediatos dos principais atores.¹⁰

A engenhosa argumentação de Wallerstein, apesar de fornecer um quadro muito útil para pensarmos o capitalismo atual, não deixa de ter debilidades importantes. Se os sintomas de crise que ele apresenta são corretos, cremos que ele erra na explicitação de suas causas. Senão, vejamos. Nos parece difícil sustentar a ideia de que um dos motivos que estaria baixando a lucratividade sistêmica seria o reforço da posição dos assalariados e de seu nível salarial. Ora, justamente o que o período recente traz à tona é a persistência de baixos níveis de lucratividade e acumulação ao passo que a posição do trabalho e dos sindicatos tem se debilitado via de regra. Abstraindo situações conjunturais, a questão salarial não tem sido o entrave para a lucratividade capitalista recente mas sim a própria contradição em processo do capital, a saber, a sua tendência inequívoca de substituir “trabalho vivo” por “trabalho morto” para aumentar a produtividade em meio à concorrência generalizada. Ademais, não se pode descartar o fato de que a própria transnacionalização do capital – tida por Wallerstein como elemento de difusão da proletarianização generalizada e do reforço do espírito combativo dos trabalhadores – ao jogar regiões umas contra as outras acaba por debilitar a posição dos trabalhadores. Assim, não faz sentido jogar na conta das debilidades do Sistema-Mundo capitalista pressões salariais altistas. Justamente ao contrário do que diz Wallerstein, mesmo com o desemprego estrutural,

¹⁰ “Continuando a utilizar a analogia do automóvel, um motorista prudente dirigiria muito mais devagar nestas circunstâncias. Mas não existe um motorista prudente na economia-mundo capitalista.” (Ibidem, 75).

precarização e crescimento da informalidade do trabalho, o capital não recupera a contento a sua rentabilidade. E isso também deve ser aplicado para o argumento de Wallerstein de esgotamento da fronteira periférica no Sistema Mundo. O problema não é a nosso ver a existência de desruralização de certas regiões ou então a difusão de uma cultura mais reivindicatória em áreas outrora tradicionalistas. Ora, isso é desmentido pelo fato de que inúmeras regiões permanecem preñes de mão de obra potencialmente utilizável mas que nem por isso absorvem processos de acumulação de capital. O problema de fundo, como já aventamos, é o fato de que as transformações recentes do capitalismo retiram a possibilidade inclusive de um papel de periferia – nos termos do próprio Wallerstein - para tais regiões. Nem mesmo a superexploração de mão de obra ou a abundância de certas matérias primas pode viabilizar todo um conjunto de empreendimentos cuja estrutura tecnológica hodierna prescinde de tais atributos. A questão que parece escapar a Wallerstein, portanto, é que os limites do capital no fundo são mais internos à sua lógica do que externos, isto é, não se explicam em função de um suposto esgotamento de sua fronteira externa.

Tampouco se afigura crível a tese de que as pressões fiscais vigentes teriam como motor os pleitos populares. A crise fiscal, sem dúvida importante, tem origens bem diversas a nosso ver. Em primeiro lugar a capacidade de arrecadação do Estado cai justamente porque a dinâmica de acumulação e crescimento é retardada. Este fator, somado aos salvamentos patrimoniais e às políticas de estímulo diante de crises cada vez mais frequentes, empurram para cima as dívidas estatais. Ademais, se há uma pressão que tem de fato impactado os cofres públicos, ela vem muito mais do capital do que das populações como um todo. A concorrência mundializada pressiona os Estados para reduzir o nível de taxaço sobre os capitais reduzindo ainda mais os erários. Já os gastos de bem-estar social tem sido comprimidos em praticamente todos os lugares, à despeito das demandas e necessidades sociais. A deslegitimação do Estado é portanto causada em grande medida pelas vicissitudes de sua financiabilidade em função da crise estrutural. E por fim, sobre a questão ambiental, se é verdade que ela de fato comporta custos potencialmente explosivos, não parece que isso até agora tenha sido uma elemento substancial no arrefecimento dos lucros. O que é mais certo afirmar, talvez, é que a própria necessidade de se acelerar a rotação do capital diante da crise esteja aumentando mecanismo de obsolescência planejada na produção que por sua vez impulsionam a devastação ecológica.

Há portanto em Wallerstein a nosso ver uma inversão de causalidade. Não são as pressões advindas da sociedade civil que tem acarretado o bloqueio da valorização do capital. São justamente as antinomias desta última, levadas ao paroxismo, que tem aprofundado a crise ecológica, do trabalho e dos serviços públicos, fatores que por sua vez tendem a suscitar mal-estar social e resistências. E independentemente do grau maior ou menor de acordo entre as diferentes elites do “andar de cima” braudeliano para se tentar contornar ou amenizar tal conjuntura, a dinâmica da crise é potencializada

por uma socialização fetichista cada vez mais irracional e presa às antinomias do processo de “valorização do valor” com fim em si. Mesmo se Wallerstein - seguindo a pista de Schumpeter¹¹ - sem dúvida tem razão quando aponta para a atualidade do tema da legitimidade, ele inverte a questão a ponto de torná-lo a causa principal da crise terminal do capitalismo. Quando nos parece, justamente ao contrário, que são os limites do próprio capital que ao se explicitarem multiplicam as dificuldades de harmonização e consenso político entre indivíduos, grupos, classes e países.

4) Considerações finais: Elementos para a apreensão das relações internacionais diante da crise estrutural

No crítica aos principais teóricos do Sistema-Mundo, sugerimos elementos para uma outra apreciação do que está em jogo nas relações internacionais. A constatação de uma crise estrutural do capitalismo que ilumina tais elementos, mesmo que crucial, precisa dos qualificativos a seguir. Nossa hipótese inicial aqui foi a de que estruturação do Sistema-Mundo se apoiou no processo histórico de imposição do capital. Daí que os obstáculos perenes em curso derivados de limites da lógica do capital são o pano de fundo das mudanças desestruturantes do próprio Sistema. Desestruturantes, porque justamente no momento em que tal lógica se impõe por todas as regiões do globo criando uma efetiva simultaneidade histórica, é a própria contradição em processo interna ao capital que vem à tona travando de forma permanente o processo de acumulação sem o qual está em questão a própria dinâmica sistêmica das relações internacionais. Buscamos demonstrar que tal pano de fundo ou está ausente ou é tomado de forma inadequada nos autores por nós resenhados que acabam assim por reificar o conceito de Sistema-Mundo. Pensamos que nosso ângulo de análise oferece um quadro mais adequado de reflexão tanto nos seus pressupostos teóricos gerais, como também na sua capacidade de explicar os fenômenos concretos em curso.

Assim, nesta seção buscaremos sintetizar os principais elementos já tocados ao longo do texto e que a nosso ver permitem nortear o debate acerca do tema, ao mesmo tempo em que sugeriremos alguns novos elementos que emanam diretamente da discussão. Evidentemente, sem qualquer pretensão de esgotar o assunto, apenas elencaremos alguns pontos que nos parecem mais relevantes para posteriores estudos:

- 1. A contradição em processo:** O limite do capital como contradição em processo, aventado como possibilidade por Marx já no século XIX, se explicita com os desdobramentos da Terceira e da Quarta Revolução Industrial. A tendência à queda da taxa de lucro se radicaliza no sentido de que as crises capitalistas não mais cumprem o papel de recompor as condições para uma retomada perene e

¹¹ Sobre a visão internacional de Schumpeter ver Feldmann(2014).

sustentável do processo de acumulação. A composição orgânica do capital se eleva e não pode mais ser compensada por um aumento suficiente da taxa de mais valia como fora possível em períodos pretéritos da história do capitalismo. O que sobressai disso tudo é que não há qualquer padrão de acumulação sustentável à vista, o que multiplica as consequências disruptivas para as relações internacionais. Ainda mais que, num cenário prospectivo, tudo aponta para a radicalização de tais barreiras para a valorização, tendendo a torná-las absolutas e não mais meramente relativas.¹²

2. A crise do trabalho: A obsolescência do trabalho abstrato – marca indelével dos tempos atuais – anda *pari passu* com a intensificação da sua exploração na medida em que permanece o invólucro da forma capital. Daí a volta de formas de mais valia absoluta, o aumento da informalidade, etc. É de se notar que hoje a eliminação de postos de trabalho não reside apenas em diferentes formas de trabalho manual mas já atinge empregos típicos de “classe média” no setores de supervisão, serviços, comércio, etc., em função da incorporação crescente da TI.¹³ Tais mudanças no mundo do trabalho impedem um aumento compensador da taxa de mais valia para a manutenção da lucratividade conforme frisado no item 1 acima. E mais: ao transformar o conhecimento - ou “Intelecto Geral” do Marx dos *Grundrisse* - no fator de produção decisivo, tais novas formas capitalistas tem uma tendência a se socializar quase que instantaneamente e de forma muito mais abrangente do que, por exemplo, a pesada linha de produção clássica do fordismo. Em outras palavras, se a exploração, precarização e flexibilização do trabalho se aprofundam cada vez mais, isto não servirá mais como válvula de escape para a valorização do valor através de trabalho abstrato.¹⁴

3. A luta pela monopolização tecnológica: Justamente para se tentar dirimir as tendências acima há uma intensificação do processo de centralização/concentração do capital, com novos aspectos. Para se situar na fronteira tecnológica, as exigências de capitalização aumentam sobremaneira. De outro

¹² Rosdolsky (2001) apoia-se nos *Grundrisse* para chamar atenção de um aspecto essencial muitas vezes ignorado, a saber, os crescentes limites para que a extração de mais relativa compense a substituição de trabalho vivo por trabalho morto. Sinteticamente, aumentos de produtividade sucessivos de igual proporção trarão aumentos cada vez menores de mais-valia: “*Quanto mais desenvolvido é o capital(...) tanto mais formidavelmente terá de desenvolver a produtividade para valorizar-se(...) em proporção cada vez menor*” (Marx apud Rosdolsky, 2001, p. 200). A consequência teórica de tais proposições é inequívoca para Marx, pois atingido certo ponto “*o incremento da produtividade chegaria a ser indiferente para o capital do ponto de vista de sua valorização(...) ele teria deixado de ser Capital*” (Ibidem, p. 200). Não ignoramos aqui as dificuldades para transpor diretamente a noção de um limite absoluto do capital para o plano empírico da lucratividade nos mercados. Dificuldades inclusive que se originam em parte de fenômenos que temos discutido nesse artigo: distorções advindas da intensificação da monopolização e das trocas desiguais, distorções causadas por “booms artificiais” e financeirização exacerbada, etc. Feitas tais ressalvas, nos parecem sugestivas as contribuições de Roberts (2016, p. 21-25) - que sugere uma queda de longo prazo das taxas de lucro para os países avançados - e a de Kliman (2012, p. 128-133) que, analisando exclusivamente os EUA, chega a resultados semelhantes mostrando ainda como o aumento da composição orgânica do capital tem sido o elemento decisivo o declínio da lucratividade.

¹³ Ver Collins(2013)

¹⁴ Alguém poderia contra-argumentar aqui que a incorporação de centenas de milhões de trabalhadores na China e outros países da Ásia desde os anos 1980 contradiz as tendências descritas. Mas para além da impossibilidade já comentada da China liderar um novo padrão de acumulação global, é fato que o país não é imune às transformações estruturais no mundo do trabalho. Por exemplo, em função do processo intenso de robotização, nos últimos três anos tem havido de forma inédita uma redução do número de trabalhadores chineses na manufatura e tudo indica que esse processo tende a se intensificar nos próximos anos. Ver Financial Times(2017).

lado, como em vários setores econômicos o custo de reprodução das mercadorias tende a zero (por exemplo, indústria de software, indústria fonográfica, etc.) se radicaliza a tendência de se transformar os lucros convencionais em rendas monopolistas. Não por outro motivo a questão da propriedade intelectual tornou-se decisiva. Se tal apropriação monopolista permite uma auferição extra de valor beneficiando assim certos capitais, justamente por isso ela acaba por debilitar ainda mais a lucratividade do resto da economia, aprofundando a crise geral.¹⁵

4. Financeirização: Os dilemas acima debatidos acima é que explicam a financeirização atual que, por isso mesmo, não ser tomada como mero “parasitismo” como em certas visões. A finança e o crédito se desdobram da própria necessidade de aceleração do tempo e de socialização do crédito que acompanham o modo de produção capitalista.¹⁶ E a queda da lucratividade a partir dos anos 1970 tem levado tais fenômenos a níveis nunca antes imaginados. Ademais, o aumento da exigência de capitalização dos novos processos produtivos também exigem maiores doses de crédito reforçando o processo. À despeito do fato de que os booms produzidos via expansão fictícia de valor possam gerar algum crescimento temporário, cria-se por outro lado uma dinâmica de crescente instabilidade, crises e curto-prazismo com consequências deletérias para o criação de produção e renda.

5. Crise do Estado: A redução da capacidade de regulação e intervenção dos Estados Nacionais certamente tem a ver com a internacionalização não apenas das forças produtivas como também do crédito e do capital. Mas não se pode perder de vista tal situação também está umbilicalmente ligada à crise da valorização que aumenta as dívidas estatais e que também torna os fundos públicos reféns de uma dinâmica curto-prazista. Tal processo contribui para a desestruturação sistêmica e para fragilizar o planejamento estatal - e por tabela a viabilidade de formas de coordenação internacional - diante da dinâmica cega dos mercados globais.

6. Consequências do colapso da modernização periférica: A desigualdade das trocas entre regiões de alta e baixa produtividade se intensifica com as novas tecnologias e o aumento do grau de monopolização em curso, jogando assim mais lenha no colapso da modernização da maioria dos países. Mas isto não é garantia de muita coisa no que tange à viabilidade do Sistema-Mundo. Pois se o processo de valorização está em xeque como um todo, as trocas desiguais não podem sustentar a expansão capitalista em larga escala. É verdade que no último período temos visto a intensificação mecanismos de “acumulação por espoliação”, muitas vezes com feições neocoloniais como descreve Harvey(2010). Mas, diferentemente do que parece sugerir este autor, tais mecanismos não garantem de forma alguma novas frentes de expansão duradouras para o capital, apenas intensificam os conflitos e o caráter predatório das relações internacionais. E neste ponto temos uma ruptura explícita

¹⁵ Uma exposição mais completa destas ideias pode ser lida em Feldmann (2015)

¹⁶ Ver também sobre o tema, Feldmann (2016)

com o padrão histórico do Sistema-Mundo: a intensificação da exploração sobre a periferia não pode abrir novas perspectivas consistentes para a sustentabilidade da acumulação de capital.

7. Imperialismo de crise: Os elementos apresentados acima são o pano de fundo de turbulências, conflitos, incertezas e ingovernabilidade crescentes no plano internacional. A crise do valor e do capital em curso reduz substancialmente as saídas e margens de manobra possíveis. Daí que o conceito de um “Imperialismo de crise” seja adequado para os tempos atuais, em qualquer dos cenários vindouros. Ele serve tanto para o cambaleante globalismo liberal que esteve em alta nos anos 1990 alicerçado no poder militar-policial dos EUA como também para a sua suposta alternativa que se tem chamado um tanto apressadamente de “volta de projetos nacionais”.¹⁷ Pois o nacionalismo que renasce neste século XXI não tem nem a sombra das bases materiais de sustentação que tivera em outras épocas, fazendo com que apenas a sua face política chauvinista e xenófoba possa ter um relativo alcance na medida em que serve como legitimação de projetos autoritários. Assim, as duas alternativas em tela são pálidos substitutos para a impossibilidade de uma nova expansão sistêmica. De outro lado, ambas convivem muito bem com a intensificação de guerras, miséria, crises humanitárias, conflitos étnicos, racismos e fundamentalismos que reforçam o dispositivo repressivo do “Imperialismo de Crise”.

5) Referências Bibliográficas

Arrighi, G. *O longo século XX*. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

Arrighi, G; Silver, B. J. *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial*. Rio de Janeiro: UFRJ-Contraponto, 2001.

Arrighi, G. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século 21*. São Paulo, Boitempo, 2008

Braudel, F. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987

Braudel, F. *Civilização material, economia e capitalismo*. Séculos XV a XVIII (3 vols.). Trad. Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Collins, R. The end of middle class work: no more escapes. In: *Does capitalism have a future?*, Wallerstein, I(org.), Oxford University Press, 2013

Feldmann, D. A. Capitalismo e relações internacionais: uma crítica a Schumpeter, Keynes e Hayek. In: *Crítica Marxista*, n.38, 2014.

¹⁷ É sintomático da desordem global vigente as viradas bruscas nas políticas implementadas e nas ideologias. A origem de tal fato reside justamente na impossibilidade de articulações coerentes diante da crise sistêmica que se aprofunda. Exemplo conspícuo disso é o fato de que na última reunião de Davos a China tenha aparecido como apologeta da globalização e do livre-comércio em contraposição aos EUA imersos no seu novo nacionalismo.

Feldmann, D. A. Sobre o limite absoluto do capital: Especulações acerca de uma hipótese teórica. In: *Sinal de Menos*, n.11, vol.2, 2015

Feldmann, D. A. Financeirização do capitalismo como aceleração do tempo e socialização do crédito. In: *Quinto Congresso Latino-Americano de História Econômica (CLADHE V)*, 2016.

Financial Times. *Chinese manufacturing jobs vanish as robots take over*. Disponível em <https://www.ft.com/content/f4444146-f84f-11e6-9516-2d969e0d3b65>

Fiori, J. L. F; Medeiros, C.A. de; Serrano, F. P. *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro: Record, 2008

Fiori, J. L. F. *História, Estratégia e Desenvolvimento: para uma geopolítica do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2014.

Harvey, D. *O novo imperialismo*. Loyola: São Paulo, 2010.

Kliman, A. *The failure of capitalist production. Underlying Causes of the Great Recession*. PlutoPress: 2012

Kurz, R. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

Kurz, R. Imperialismo de crise. In: *Poder mundial e dinheiro mundial: crônicas do capitalismo em declínio*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015

Marx, K. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011

Postone, M. Teorizando o mundo contemporâneo. Robert Brenner; Giovanni Arrighi; David Harvey. In: *Novos Estudos*, n. 81, São Paulo, julho de 2011

Postone, M. *Tempo, Trabalho e Dominação Social*. São Paulo: Boitempo, 2014

Roberts, M. *The long depression: what happened and what comes next*. Chicago, Haymarket Books, 2016.

Rosdolsky, R. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001

Wallerstein, I. *Capitalismo histórico & civilização capitalista*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

Wallerstein, I. *O declínio do poder americano*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

Wallerstein, I. *World-systems analysis: an introduction*. Durham: Duke University Press, 2005.

Wallerstein, I. Structural crisis, or why capitalists may no longer find capitalism rewarding. In: *Does capitalism have a future?* Wallerstein, I (org.), Oxford University Press, 2013

Woods, E. *Império do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014.

